

VICÊNCIA E SABERES DE MÃE TIQUINHA: REZADEIRA E PARTEIRA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA NEGROS DO OSSO E SÍTIOS CIRCUNVIZINHOS

Valdeane Macena dos Santos¹
Patrícia Barreto da Silva Carvalho²

RESUMO

Este relato de experiência tem como foco a vivência e os saberes de Maria Francisca Macena da Silva, conhecida como Mãe Tiquinha, rezadeira e parteira tradicional da comunidade Quilombola Negros do Osso, localizada no município de Pesqueira-PE. A partir de uma entrevista realizada com a protagonista desta narrativa, busca-se evidenciar os conhecimentos ancestrais e práticas culturais que resistem ao tempo e ainda desempenham papel essencial na vida da comunidade e de sítios vizinhos. O trabalho se propõe a documentar e refletir sobre a importância desses saberes populares, especialmente no cuidado com a saúde e no fortalecimento da identidade quilombola. A metodologia adotada envolveu a escuta atenta, observação participante e registro oral, respeitando os tempos e modos da tradição oral. Os resultados apontam para a valorização do conhecimento tradicional como forma de resistência e afirmação cultural. Este relato contribui para o reconhecimento da importância das práticas de cuidado e espiritualidade de mulheres negras em territórios tradicionais, ressaltando o papel da oralidade na preservação de memórias e saberes.

Palavras-chave: ancestralidade; práticas de cura; oralidade.

1 INTRODUÇÃO

Falar da comunidade quilombola Negros do Osso, em Pesqueira-PE, é falar de um território de luta, memória e ancestralidade. Localizada a poucos quilômetros da BR-232, essa comunidade carrega uma história marcada pela resistência e pelo

¹ Discente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista. E-mail: valdeanequilombola@gmail.com

² Orientadora e Docente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista. E-mail: patricia.carvalho@garanhuns.ifpe.edu.br

desejo de manter vivos os saberes transmitidos pelas gerações.

O reconhecimento oficial como remanescente quilombola, iniciado em 2002 e consolidado em 2005, não foi apenas um marco burocrático: foi a afirmação de uma identidade coletiva forjada na luta pela terra, pela dignidade e pela preservação da cultura. Hoje, são mais de 63 famílias — na prática, mais de 75 — que mantêm acesa a chama de um modo de vida próprio, ainda em processo de titulação de terras, enfrentando obstáculos, mas sem abrir mão da esperança.

Nesse território, um dos maiores símbolos da ancestralidade é Maria Francisca Macena da Silva, a Mãe Tiquinha, rezadeira e parteira respeitada por todos. Seus saberes não nasceram de livros ou universidades, mas foram aprendidos com sua mãe e cultivados no dia a dia da comunidade. Até hoje, quando necessário, ela ainda realiza partos e continua sendo a primeira referência quando alguém adoece ou precisa de cuidado: antes mesmo de procurar um posto de saúde, o povo recorre às suas mãos e às suas rezas. É nela que a comunidade encontra força, cura e fé.

Essa realidade, porém, traz uma inquietação: os mais jovens já não demonstram interesse em aprender esses saberes, o que coloca em risco a continuidade de uma tradição que sustenta a vida e a identidade da comunidade. Foi dessa inquietação pessoal e acadêmica que nasceu o desejo de escrever este relato de experiência.

Mais do que registrar a trajetória de Mãe Tiquinha, trata-se de refletir sobre o valor da oralidade, da espiritualidade e das práticas tradicionais que, apesar de marginalizadas pelo conhecimento científico hegemônico, continuam sendo centrais para a vida de comunidades quilombolas.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo registrar e valorizar a experiência de Mãe Tiquinha, compreendendo sua importância como rezadeira e parteira para a comunidade quilombola Negros do Osso e para os sítios vizinhos. Além disso, busca provocar uma reflexão sobre a necessidade de envolver as novas gerações nesse processo de aprendizagem, de modo que esses saberes não se percam, mas continuem vivos e atuantes.

Assim, esta introdução não é apenas um prefácio acadêmico: é também um convite à escuta e ao reconhecimento da ancestralidade que resiste em meio às lutas pela terra, pela memória e pela dignidade. Ao contar a história de Mãe Tiquinha, conta-se também a história de um povo que, entre rezas, partos, dores e esperanças, segue afirmando sua existência e seu futuro.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS: QUILOMBOS, ORALIDADE E SABERES TRADICIONAIS

A construção deste relato de experiência demanda uma reflexão teórica que situe os saberes de Maria Francisca Macena da Silva, Mãe Tiquinha, dentro de um quadro mais amplo de práticas sociais, culturais e históricas vinculadas às comunidades quilombolas.

Para além do registro individual, é preciso compreender os fundamentos que sustentam a memória coletiva, a oralidade, a ancestralidade e a espiritualidade que configuram o universo quilombola. Nesse sentido, este capítulo apresenta conceitos, autores e perspectivas que embasam a experiência, articulando referências clássicas e contemporâneas da antropologia, da história e dos estudos decoloniais.

2.1 Quilombos e resistência cultural

O conceito de quilombo no Brasil ultrapassa a visão reducionista que, por muito tempo, os associou apenas a “esconderijos de escravos fugidos”. Como aponta Kabengele Munanga (2023), os quilombos devem ser entendidos como espaços de resistência, reinvenção e afirmação cultural, nos quais populações negras escravizadas recriaram sociabilidades, práticas culturais e formas de organização comunitária próprias.

Essa perspectiva amplia a compreensão histórica, reconhecendo os quilombos como lugares de produção de novas identidades e não apenas como refúgios de fugitivos.

José Maurício Arruti (2006) também contribui para esse debate ao destacar a dimensão política do quilombo contemporâneo. Para ele, os quilombos não são

apenas resquícios históricos, mas territórios vivos que reivindicam direitos, memória e dignidade. Essa abordagem é central para compreender comunidades como a dos Negros do Osso, cuja luta pela titulação das terras está diretamente ligada ao reconhecimento de sua identidade quilombola.

Alfredo Wagner de Almeida (2011) reforça essa concepção ao analisar o processo de regularização fundiária e o papel do Estado na legitimação dos territórios quilombolas. Para o autor, o quilombo é uma categoria política em disputa, que envolve não apenas memória e identidade, mas também o direito à terra e à reprodução cultural. Assim, as comunidades quilombolas se afirmam como sujeitos coletivos, desafiando a lógica colonial que insiste em invisibilizar sua existência.

A partir desses referenciais, pode-se afirmar que os quilombos são espaços de resistência cultural, de transmissão de saberes e de preservação da ancestralidade. São territórios nos quais práticas tradicionais – como a reza, o benzimento e o partejamento – permanecem vivas, não como resquícios de um passado remoto, mas como experiências que continuam a estruturar a vida comunitária.

Nesse sentido, a trajetória de Mãe Tiquinha insere-se no contexto mais amplo das práticas quilombolas, reforçando a centralidade das mulheres na preservação da memória e da identidade coletiva.

2.2 Oralidade, memória e ancestralidade

A oralidade constitui um dos principais pilares das comunidades tradicionais, em especial as quilombolas, funcionando como veículo de transmissão de saberes, práticas culturais, histórias de resistência e valores comunitários.

Ao contrário da tradição escrita hegemônica, a oralidade se fundamenta em um processo relacional, no qual a memória coletiva é constantemente reatualizada e resignificada. Como afirma Paul Thompson (1999), a memória oral não é apenas um repositório de informações, mas uma construção dinâmica que articula passado e presente, dando sentido às experiências de vida de um grupo.

Nesse contexto, a noção de “escrevivência”, elaborada por Conceição Evaristo (2020), assume papel central para a valorização das vozes silenciadas. A autora compreende a escrita como prolongamento da oralidade, em que a experiência vivida se converte em narrativa e reivindica lugar de fala para mulheres negras.

A escrevivência rompe com a ideia de literatura neutra e universal, pois parte da subjetividade e da coletividade negra, traduzindo memórias ancestrais em linguagem literária e política. Ao trazer para o centro da produção cultural os relatos, dores e resistências de mulheres negras, Evaristo (2020) inaugura uma forma de escrita que é também denúncia e afirmação identitária.

No âmbito quilombola, a oralidade é o principal meio de transmissão de saberes entre gerações. Histórias sobre os antepassados, memórias de lutas por terra e liberdade, práticas religiosas e conhecimentos sobre cura e partejamento são compartilhados em rodas de conversa, rezas, cantos e rituais. Essa oralidade não apenas preserva tradições, mas também funciona como estratégia pedagógica, na medida em que ensina valores comunitários, modos de agir e formas de resistência. Walter Benjamin (2012) já observava que o narrador tradicional não transmite apenas informações, mas sabedoria, construída a partir da experiência e transmitida com a marca da coletividade.

A ancestralidade, nesse sentido, não é apenas memória do passado, mas presença ativa na vida cotidiana das comunidades. Como defende Nilma Lino Gomes (2017), o conceito de ancestralidade implica reconhecer que a identidade negra se constrói em diálogo constante com os que vieram antes, em um processo que articula espiritualidade, memória e pertencimento. Para as comunidades quilombolas, invocar os ancestrais é reafirmar sua resistência histórica, sua dignidade e seu direito à existência.

Assim, a oralidade, a memória e a ancestralidade se entrelaçam como dimensões fundamentais para compreender práticas como as de Mãe Tiquinha. Sua atuação como rezadeira e parteira é inseparável da tradição oral que lhe foi transmitida pela mãe e pela comunidade, revelando a continuidade de um sistema

de saberes que resiste ao apagamento.

Cada reza, cada história e cada gesto são também formas de inscrever na memória coletiva da comunidade quilombola Negros do Osso a trajetória de resistência que atravessa gerações.

2.3 Saberes tradicionais de cura e partejamento

Os saberes tradicionais de cura, rezas, benzimentos e práticas de partejamento constituem um patrimônio imaterial fundamental das comunidades quilombolas. Tais práticas se inserem em um sistema de conhecimento popular que articula corpo, espiritualidade, natureza e coletividade, funcionando como forma de cuidado comunitário e resistência frente à marginalização das culturas negras.

No Brasil, a medicina popular sempre esteve ligada às práticas de rezadeiras, curandeiros e parteiras, cuja atuação se desenvolve em paralelo – e muitas vezes em contraposição – à medicina institucionalizada. Luís da Câmara Cascudo (2001), em sua obra sobre a cultura brasileira, destacou a importância das ervas, simpatias e rezas como formas de conhecimento que, embora desvalorizadas pela ciência oficial, representam soluções eficazes enraizadas na experiência popular. Para Cascudo, os saberes de cura se transmitem oralmente, ajustando-se às necessidades e ao contexto das comunidades.

Roberto DaMatta (1997), ao refletir sobre a cultura brasileira, lembra que esses rituais populares devem ser compreendidos não como superstição, mas como práticas sociais dotadas de sentido simbólico e de eficácia dentro de um universo cultural específico. Nesse sentido, o ato de benzer ou rezar não se limita a uma tentativa de cura física, mas envolve também dimensões de fé, pertencimento e solidariedade, fundamentais para a coesão comunitária.

Leda Maria Martins (1997), por sua vez, ao estudar as performances da cultura afro-brasileira, chama atenção para a importância do corpo e da oralidade como instrumentos de transmissão da memória e do saber ancestral. Nas práticas de rezadeiras e parteiras, o corpo não é apenas objeto de cuidado, mas também meio pelo qual se manifesta a espiritualidade. A presença física da parteira, seu

toque, sua voz e seus gestos ritualizados constituem, ao mesmo tempo, um saber técnico e uma prática simbólica.

A figura da parteira, especialmente em territórios quilombolas, representa um papel central na vida comunitária. Mais do que auxiliar no nascimento, a parteira é guardiã de conhecimentos sobre o corpo feminino, mediadora entre o natural e o espiritual e referência de autoridade moral e cultural. Em outras palavras, as parteiras tradicionais garantem não apenas a saúde das mulheres e dos recém-nascidos, mas também preservam valores comunitários, fortalecendo vínculos de solidariedade e continuidade cultural.

No contexto do quilombo Negros do Osso, a trajetória de Mãe Tiquinha reafirma esse protagonismo. Suas práticas de reza e partejamento são heranças de uma tradição transmitida oralmente, que une fé, ervas, cantos e gestos. Cada parto assistido por ela representa não apenas o nascimento de uma criança, mas também a reafirmação da resistência cultural de um povo. A prática de partejar, nesse sentido, é também uma prática política: garante a vida, a continuidade da memória e o fortalecimento da identidade quilombola. Assim, os saberes tradicionais de cura e partejamento devem ser reconhecidos como parte de um sistema de saúde comunitário e ancestral. Longe de serem práticas arcaicas, eles se configuram como alternativas legítimas, integrando corpo, fé e natureza.

Ao valorizar essas práticas, reconhece-se a pluralidade epistêmica existente no Brasil e se contribui para uma perspectiva de saúde que respeita a diversidade cultural e a autonomia das comunidades tradicionais.

2.4 Gênero, espiritualidade e protagonismo feminino

As comunidades quilombolas brasileiras trazem consigo a marca de uma resistência que não pode ser dissociada da atuação das mulheres negras. Historicamente invisibilizadas pelas narrativas oficiais, elas foram e continuam sendo protagonistas na manutenção da vida, na preservação das tradições e na construção de práticas de cuidado e espiritualidade que sustentam suas comunidades.

A experiência de Mãe Tiquinha, rezadeira e parteira da comunidade Negros do Osso, exemplifica essa centralidade do feminino quilombola, que conjuga saberes ancestrais e espiritualidade como formas de resistência. Lélia Gonzalez (2020) já havia chamado atenção para o racismo e o sexismo que estruturam a sociedade brasileira, ressaltando a necessidade de se reconhecer o “lugar de fala” das mulheres negras.

Para Gonzalez (2020), as experiências vividas por essas mulheres constituem fontes legítimas de conhecimento e precisam ser valorizadas. Ao observar a trajetória de Mãe Tiquinha, percebe-se que sua prática não se limita ao cuidado do corpo físico: ela atua como mediadora entre mundos, isto é, o da espiritualidade, da comunidade e da memória ancestral, reafirmando a força do protagonismo feminino na história quilombola.

Sueli Carneiro (2005), ao discutir o conceito de epistemicídio, denuncia como os saberes produzidos por mulheres negras foram sistematicamente desqualificados pela racionalidade ocidental. A desvalorização das práticas de rezadeiras e parteiras é expressão desse processo.

Sendo assim, reconhecer o trabalho de mulheres como Mãe Tiquinha é, portanto, um ato político que desafia o apagamento e reivindica espaço para formas de conhecimento que articulam fé, corpo e comunidade. O protagonismo feminino nesse campo não é apenas simbólico, mas vital para a sobrevivência cultural e espiritual das comunidades.

Djamila Ribeiro (2017) acrescenta a esse debate a noção de que o feminismo negro é indispensável para compreender as múltiplas opressões que atravessam as mulheres negras. Ela argumenta que as experiências dessas mulheres não podem ser reduzidas a categorias universais de gênero, pois são atravessadas por raça, classe e território.

Nesse sentido, o papel de Mãe Tiquinha como rezadeira e parteira quilombola não pode ser compreendido fora da realidade de exclusão histórica enfrentada por sua comunidade. Seu protagonismo feminino é, ao mesmo tempo, expressão de resistência política e de cuidado coletivo. A espiritualidade, por sua

vez, emerge como dimensão estruturante da prática dessas mulheres. Nas rezas, benzimentos e partos, o sagrado se manifesta como força que organiza a vida comunitária e fortalece a identidade cultural.

O cuidado oferecido por Mãe Tiquinha não é apenas técnico, mas profundamente espiritual, reafirmando a visão de que corpo e alma não podem ser dissociados. Essa concepção rompe com a fragmentação cartesiana da medicina moderna e recupera uma cosmologia afro-brasileira que vê o ser humano em sua totalidade.

Assim, gênero, espiritualidade e protagonismo feminino se entrelaçam como dimensões inseparáveis na experiência quilombola. Ao valorizar a trajetória de mulheres como Mãe Tiquinha, reconhece-se a contribuição histórica das mulheres negras para a manutenção da vida, da fé e da resistência comunitária. Mais do que práticas individuais, trata-se de atos coletivos que garantem a continuidade da memória e a dignidade de um povo.

3 METODOLOGIA

A experiência vivenciada que dá origem a este relato foi construída a partir de uma aproximação cuidadosa, respeitosa e ética com a comunidade quilombola Negros do Osso, situada no município de Pesqueira, agreste pernambucano, especificamente com a figura de Maria Francisca Macena da Silva, conhecida como Mãe Tiquinha. O processo metodológico adotado neste trabalho parte de uma perspectiva qualitativa, com enfoque na escuta sensível e na valorização da oralidade como método legítimo de pesquisa e produção de conhecimento.

3.1 O Caminho da Aproximação

A escolha de Mãe Tiquinha como personagem central deste relato não foi aleatória. Desde o início da formação acadêmica, foi perceptível a lacuna existente nas abordagens que tratam dos saberes tradicionais, sobretudo os oriundos de

comunidades quilombolas e das práticas de cuidado desenvolvidas por mulheres negras. Ao longo do curso, surgiram diversas oportunidades de contato com temáticas voltadas à história e cultura afro-brasileira, o que despertou um desejo profundo de conhecer, de perto, os modos de vida de comunidades que carregam, em sua memória e cotidianidade, práticas ancestrais de cura, espiritualidade e resistência.

A aproximação com Mãe Tiquinha se deu de forma natural e respeitosa, sem a necessidade de etapas formais de conquista de confiança, uma vez que a pesquisadora é integrante da própria comunidade quilombola dos Negros do Osso, possui laços familiares com a parteira — sendo seu parente consanguíneo — e atua também como uma das lideranças locais. Essa posição privilegiada, construída a partir da vivência cotidiana, do pertencimento e do engajamento nas lutas e tradições do território, permitiu um acesso direto e afetuoso à interlocutora.

A relação com Mãe Tiquinha já estava marcada por vínculos de respeito e convivência, o que possibilitou que a escuta se desse de maneira fluida, dentro de um ambiente de confiança mútua. Ainda assim, optou-se por preservar o ritmo próprio da oralidade tradicional, valorizando conversas informais, momentos compartilhados e a escuta sensível como estratégia de acolhimento da memória e do saber ancestral. Em contextos como o da comunidade quilombola, o tempo da palavra não se impõe — ele se oferece. A experiência foi, portanto, construída não apenas como uma entrevista, mas como um reencontro com histórias vivas que atravessam gerações.

3.2 Realização da Entrevista e Registro da Experiência

A entrevista com Mãe Tiquinha foi realizada em sua residência, em um momento previamente combinado com ela e sua família. O local escolhido para a conversa foi a sala da casa, um espaço simples, acolhedor e carregado de memórias. Fotografias nas paredes, santos sobre a estante, plantas no quintal e o cheiro de café recém-passado compunham o ambiente. Antes de começar a gravação da entrevista, foi feita uma conversa introdutória, explicando os objetivos do trabalho, o respeito à sua história e o desejo de aprender com sua trajetória. Foi

solicitado o consentimento verbal para o uso de sua fala no trabalho acadêmico, garantindo total liberdade para que interrompesse a conversa quando desejasse.

A entrevista seguiu um roteiro semiestruturado, permitindo que a narrativa fluísse de forma espontânea. Entre as perguntas, buscava-se compreender: como se deu o início de sua atuação como rezadeira e parteira, quais foram os aprendizados recebidos e repassados, quais rituais e práticas fazem parte de seu cotidiano, como a comunidade enxerga seu papel, e como ela própria vê sua missão. Durante a conversa, Mãe Tiquinha recorreu a memórias antigas, emocionou-se em alguns momentos, riu ao lembrar de casos pitorescos e expressou gratidão por estar sendo ouvida e valorizada.

A entrevista foi registrada por meio de gravação de áudio, com o auxílio de um caderno de anotações para observações complementares. Após a coleta, a transcrição completa foi feita, respeitando a oralidade e as pausas do discurso da entrevistada, preservando sua voz da forma mais fiel possível. Também foram feitas anotações do ambiente, gestos e expressões não verbais, que enriquecem a compreensão do contexto vivido.

3.3 Observações, Sentimentos e Interações

Durante a vivência, foi possível observar a forte presença simbólica de Mãe Tiquinha na comunidade. Diversos moradores passaram pela casa enquanto a entrevista era realizada, alguns apenas para cumprimentá-la, outros para entregar pedidos de oração ou "bênçãos". Sua figura é reverenciada com respeito e afeto, como alguém que não apenas "faz rezas", mas que acolhe, aconselha, escuta e cuida. É vista como uma mulher de fé, de força e sabedoria. A maneira como ela fala do corpo feminino, do nascimento, das ervas e dos orixás revela um saber orgânico, não fragmentado, que articula espiritualidade, ciência natural e intuição ancestral.

Outro aspecto observado foi a relação entre os saberes de Mãe Tiquinha e as práticas biomédicas. Embora ela não negue a importância dos hospitais e dos médicos, faz questão de afirmar que "nem tudo se cura com remédio de farmácia", e que muitas doenças "precisam primeiro da reza para depois o remédio fazer

efeito”. Essa fala sintetiza a interseção entre os conhecimentos tradicionais e os saberes modernos, revelando uma convivência possível e complementar.

3.4 Participantes e Interações Significativas

Além de Mãe Tiquinha, participaram da experiência alguns membros da família – uma filha, dois netos e uma vizinha, que em alguns momentos contribuíram com comentários, reforçaram histórias ou simplesmente demonstraram, com seus gestos, o respeito e a admiração que sentem pela matriarca. A participação desses sujeitos trouxe à tona uma dimensão coletiva do saber: o conhecimento de Mãe Tiquinha não é apenas individual, mas compartilhado, vivido no cotidiano, transmitido oralmente e praticado em conjunto. Também participaram, de forma indireta, moradores da comunidade que ajudaram na localização de arquivos antigos, relatos complementares e visitas ao terreiro de ervas cultivado por ela nos fundos de sua casa.

3.5 Descobertas, Desafios e Recomendações

A experiência proporcionou descobertas marcantes. A principal delas foi compreender que os saberes de Mãe Tiquinha não são apenas um conjunto de práticas isoladas, mas um sistema de conhecimento que envolve cosmologia, ética, espiritualidade e ciência popular. Aprender com ela é entrar em contato com uma epistemologia outra, que valoriza a escuta, o silêncio, o cuidado e o tempo da natureza. Outro aspecto revelador foi constatar a invisibilidade dessas práticas no campo acadêmico e institucional, o que reforça a importância de trabalhos como este.

Entre as dificuldades enfrentadas, destaca-se o desafio de traduzir, em palavras acadêmicas, uma experiência profundamente afetiva e sensível. A linguagem técnica muitas vezes não dá conta da riqueza do vivido. Também houve o desafio de lidar com a limitação de registros escritos sobre a história da comunidade, o que exigiu ainda mais cuidado com a escuta oral e com a memória afetiva dos sujeitos.

Como recomendação, reforça-se a necessidade de mais espaços na

academia para a valorização dos saberes tradicionais, especialmente os produzidos por mulheres negras e quilombolas. Sugere-se também que escolas e instituições de saúde promovam ações de diálogo com esses saberes, respeitando-os e reconhecendo seu valor social, cultural e espiritual.

4 DISCUSSÕES

A experiência vivenciada ao lado de Mãe Tiquinha, rezadeira e parteira da comunidade quilombola Negros do Osso, revelou-se profundamente transformadora não apenas do ponto de vista acadêmico, mas humano e existencial. Sua história, suas práticas e sua visão de mundo evidenciam a potência dos saberes tradicionais como formas legítimas de conhecimento, capazes de gerar cuidado, saúde, sentido de pertencimento e resistência cultural. Esses saberes, muitas vezes desvalorizados ou invisibilizados pelas instituições formais, operam em outra lógica epistemológica — mais orgânica, relacional, espiritual e comunitária — e, por isso mesmo, exigem um olhar sensível, interseccional e descolonizado por parte dos pesquisadores.

Ao ouvir Mãe Tiquinha narrar suas práticas de benzedura, os partos realizados no quintal de casa ou mesmo os momentos de acolhimento às mulheres grávidas que vinham dos sítios vizinhos, é inevitável pensar nas reflexões de Lélia Gonzalez (1988) sobre o “lugar de fala” das mulheres negras, que produzem saberes a partir de experiências concretas de vida, dor, ancestralidade e luta. A atuação de Mãe Tiquinha insere-se nesse contexto: ela não apenas “cuida de corpos”, mas também atua como mediadora entre o mundo visível e invisível, entre a ciência da terra e os mistérios da fé. Sua prática, portanto, não é só terapêutica, mas também política, espiritual e educativa.

Ao analisar os dados coletados na entrevista e nas observações de campo, percebe-se que o saber tradicional não está fragmentado: ele se expressa na fala, no gesto, na escolha das ervas, nos símbolos religiosos, na maneira de tratar a dor. A medicina popular, como bem afirma Vasconcelos (2019), não se opõe à medicina científica, mas opera em outra racionalidade — uma racionalidade que é

comunitária, afetiva, simbólica e histórica. Mãe Tiquinha sabe, por exemplo, que o uso da “erva-cidreira com arruda” acalma, mas também sabe que o toque da mão, o silêncio da escuta e a reza sussurrada têm o poder de reorganizar o corpo e a alma de quem sofre.

Esses aspectos nos remetem às contribuições de Boaventura de Sousa Santos (2006) sobre a “ecologia de saberes”, uma proposta epistemológica que reconhece a pluralidade de conhecimentos existentes no mundo, rompendo com a hegemonia do saber eurocêntrico e valorizando saberes que emergem da prática, da oralidade, da ancestralidade. O saber de Mãe Tiquinha é um exemplo vívido de um saber silenciado pela história oficial, mas que permanece vivo graças à resistência cultural das comunidades quilombolas.

Além disso, a atuação como parteira revela outra dimensão importante: a da autonomia corporal e da soberania feminina sobre os processos do nascimento. Em um país marcado por índices elevados de cesarianas desnecessárias e medicalização excessiva do parto, a presença de parteiras tradicionais como Mãe Tiquinha representa uma alternativa segura, afetiva e culturalmente situada. Conforme aponta Lima (2021), parteiras quilombolas não apenas assistem o nascimento, mas realizam um trabalho de educação em saúde, de fortalecimento dos laços comunitários e de resgate da dignidade das mulheres negras, historicamente excluídas dos direitos plenos à saúde.

Valer ressaltar, a função de parteira, especialmente, é emblemática e carrega em si significados profundos, tanto sociais quanto políticos. O parto assistido por Mãe Tiquinha, em um contexto de comunidade quilombola, não é apenas um ato biológico de dar à luz, mas um ato de resistência. Nesse contexto, o parto representa a continuidade da cultura, da memória e da ancestralidade. Ao trazer ao mundo novas gerações, Mãe Tiquinha não só colabora com a saúde física das mulheres, mas também com a saúde cultural da comunidade. A sua prática parteira ressignifica a maneira como as mulheres de sua comunidade lidam com o nascimento, resgatando a dignidade do processo de parto natural, em oposição à crescente medicalização do nascimento nas últimas décadas.

A própria relação entre fé e cura, tão presente na fala de Mãe Tiquinha, exige uma abordagem interdisciplinar. Como observa Nascimento (2020), a espiritualidade não pode ser tratada como superstição, mas como uma dimensão vital da experiência humana, especialmente em contextos periféricos e tradicionais. Para Mãe Tiquinha, “a fé é o começo do remédio”. Isso não significa a recusa ao saber médico, mas sim a compreensão de que o corpo e a alma precisam estar em equilíbrio para que a cura aconteça. Essa visão holística aproxima-se das cosmologias africanas e ameríndias, onde o cuidado é sempre integral e relacional.

Também é preciso destacar a função pedagógica dos saberes de Mãe Tiquinha. Em seu cotidiano, ela ensina — por meio da prática — valores como solidariedade, paciência, respeito aos ciclos naturais e responsabilidade com a vida do outro. Conforme argumenta hooks³(2013), o ato de ensinar pode ser um ato de resistência, sobretudo quando se dá fora dos espaços escolares, nas casas, nos quintais, nas rodas de conversa. O conhecimento que ela transmite às filhas, netas e vizinhas é um conhecimento vivo, dinâmico e enraizado em uma cosmovisão própria.

A experiência com Mãe Tiquinha, rezadeira e parteira da comunidade quilombola Negros do Osso, revela não apenas práticas de cura, mas também um sistema de sabedoria ancestral que resiste ao tempo e à modernização. As falas de Mãe Tiquinha oferecem uma janela para o entendimento das práticas espirituais e de cuidado, centradas na fé, na espiritualidade e na relação comunitária.

4.1 A Prática de Curar: Fé, Ritual e Tradição

Mãe Tiquinha aprendeu a rezar com sua mãe e desde os 30 anos dedica-se a essa prática, cujas origens, ela própria, considera misteriosas e profundas. Ela revela que não é possível ensinar a reza de forma direta; ao contrário, o aprendizado ocorre por observação e, principalmente, pela fé da pessoa que reza. Para ela, a eficácia da reza está diretamente relacionada à crença na força divina, refletindo a cosmovisão espiritual que sustenta suas práticas.

Em sua visão, as palavras da reza não são suas, mas de Deus, o que a

³ É uma escrita política, conforme a autora afirma, por isso bell hooks se escreve com iniciais minúsculas.

coloca em uma posição de humildade e submissão a uma força superior. Isso destaca um dos elementos mais ricos da medicina tradicional quilombola: a visão de que os conhecimentos de cura não pertencem a um único indivíduo, mas são uma revelação divina que se transmite por meio da fé e do vínculo com o sagrado. Ao afirmar que “quem cura é Ele [Deus], e não eu”, Mãe Tiquinha coloca a prática da cura dentro de uma perspectiva religiosa e coletiva, onde a fé do paciente também tem um papel crucial no sucesso da reza.

Esse entendimento da reza como uma ação divina, que ocorre através de um canal humano, reflete uma concepção holística de saúde e cura, que engloba o físico, o espiritual e o social. Em suas palavras, ela enfatiza que a eficácia da reza depende da fé mútua entre a rezadeira e a pessoa que recebe o cuidado. Esse aspecto de mutualidade é central nas comunidades quilombolas, onde a cura não é uma ação isolada, mas sim um ato coletivo, realizado em um espaço de confiança e de fé.

4.2 A Reza e os Elementos Simbólicos

Um dos aspectos fascinantes da prática de Mãe Tiquinha é o uso dos ramos como instrumento de mediação na reza. Ao segurar seis ramos, ela explica que três ramos em cada mão são utilizados para proteger a energia que seria absorvida pela rezadeira. Quando a reza é realizada, a quizila ou energia negativa do paciente não é transferida para ela, mas sim para os ramos. Esse uso simbólico dos ramos conecta a prática da cura com a natureza e os elementos do ambiente, evidenciando uma relação direta entre a força da terra e a proteção da saúde.

Esse simbolismo também se reflete na questão do número de pessoas que Mãe Tiquinha pode rezar por dia. Ela menciona que só pode rezar para três pessoas por vez, embora não saiba explicar exatamente o motivo dessa limitação. Esse elemento de mistério e disciplina espiritual nos faz refletir sobre a importância da energia e da necessidade de se manter em equilíbrio com as forças espirituais e naturais. Aqui, também podemos conectar a prática com a teoria dos limites no campo da medicina tradicional, onde é fundamental preservar a energia vital para garantir a eficácia das intervenções espirituais.

4.3 A Prática de Cura como Resistência Cultural e Social

Ao longo da entrevista, Mãe Tiquinha revela que, apesar de sua vasta experiência e conhecimento, a continuidade dessas práticas na comunidade está ameaçada. Nenhuma das suas filhas ou netas demonstrou interesse em aprender as rezas, e ela mesma menciona que, quando partir, a tradição de rezar pode se perder. Isso evidencia um desafio cultural significativo para as comunidades quilombolas: a transmissão de saberes tradicionais que, muitas vezes, ficam à margem da educação formal e são desvalorizados pela sociedade em geral. O não interesse das gerações mais jovens é um reflexo do processo de desvalorização cultural e da busca pela modernidade, onde as tradições populares muitas vezes são consideradas obsoletas.

No entanto, Mãe Tiquinha mantém a esperança de que sua prática não se perca. Ela diz que, embora nenhuma neta tenha se mostrado interessada, sempre que reza, elas a observam, aprendendo “sem querer” através da prática cotidiana. Isso reafirma a importância da transmissão oral como mecanismo de preservação de saberes nas comunidades quilombolas, onde o aprendizado ocorre de forma empírica e vivencial, sem necessidade de formalização ou certificação.

4.4 A Relação entre Tradição e Modernidade

As práticas de Mãe Tiquinha, embora fundamentadas em saberes ancestrais, não são imunes ao impacto da modernidade. Ela se vê constantemente lidando com a curiosidade das novas gerações, que, por vezes, veem a cura tradicional como uma prática antiquada ou até mística. Mas, para ela, a eficácia de suas rezas vai além da explicação racional. Ela usa chás e ervas, como o chá de bordo, para curar problemas relacionados à “comida que ofende” e também ensina o uso da arruda e do alho roxo como formas de proteção contra a quizila. Esses conhecimentos práticos, passados de geração em geração, são essenciais para a manutenção da saúde comunitária, especialmente em um contexto onde o acesso a cuidados médicos convencionais pode ser limitado.

O uso de ervas e chás é um exemplo claro de como as práticas de cura quilombolas continuam a ser uma alternativa viável e eficaz à medicina

convencional. Embora não se trate de uma prática científica, a eficácia dessas curas pode ser entendida a partir de uma perspectiva holística e culturalmente enraizada, que vê a saúde não apenas como ausência de doença, mas como um equilíbrio entre o corpo, a mente e o espírito.

4.5 A Resistência Cultural e a Valorização dos Saberes Populares

Portanto, a prática de Mãe Tiquinha vai além da cura física. Ela é um ato de resistência cultural e uma forma de afirmação identitária para a comunidade quilombola Negros do Osso. As rezas e os rituais de cura não são apenas formas de ajudar os outros, mas sim uma maneira de preservar e reafirmar a história e a cultura quilombola. A preservação desses saberes populares é um gesto de resistência contra o apagamento cultural, e a fé e os rituais desempenham um papel central na manutenção da memória e da identidade quilombola.

A convivência com Mãe Tiquinha também revelou a potência da oralidade e da memória coletiva. Como Gomes (2017) argumenta, os saberes tradicionais não são apenas informações que são transmitidas; eles são estruturas de memória que mantêm vivas as histórias de resistência e superação de um povo. Cada relato de Mãe Tiquinha, cada história de um parto ou de uma cura, é um fragmento da memória histórica de um quilombo que sobreviveu ao longo dos séculos de opressão, escravidão e invisibilidade.

Por fim, a reflexão sobre a experiência permite compreender também as ausências. Por que saberes como os de Mãe Tiquinha não estão presentes nos currículos escolares? Por que parteiras como ela não são reconhecidas oficialmente pelos sistemas de saúde? Por que ainda se insiste em ver a medicina tradicional como “crença popular” e não como ciência alternativa? Essas perguntas reforçam a urgência de políticas públicas que respeitem a diversidade epistêmica do país e que promovam o diálogo entre saberes distintos, sem hierarquizações excludentes.

A articulação entre experiência e teoria, como propõe Freire (1996), é o que permite a transformação. Não basta observar a realidade; é preciso compreendê-la criticamente e agir sobre ela. O encontro com Mãe Tiquinha não foi apenas um aprendizado acadêmico, mas uma convocação ética: a de reconhecer que há

outras formas de saber, outras formas de ensinar e outras formas de curar, que precisam ser ouvidas, registradas e respeitadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência com Maria Francisca Macena da Silva, Mãe Tiquinha, revelou um vasto campo de saberes ancestrais que transcendem o simples cuidado com o corpo e a saúde. A experiência vivida e documentada ao longo dos encontros com Mãe Tiquinha não se limitou a uma análise das suas práticas como rezadeira e parteira, mas se expandiu para uma compreensão mais profunda de sua função social e cultural dentro da comunidade quilombola Negros do Osso.

A partir dessa vivência, é possível afirmar que o conhecimento tradicional e os saberes populares, em especial os transmitidos pelas mulheres negras em comunidades quilombolas, são elementos centrais para a manutenção da saúde coletiva, da espiritualidade comunitária e da resistência cultural.

Ao longo do trabalho, foi possível perceber que as práticas de cura e cuidado de Mãe Tiquinha não são simples remédios ou rituais, mas uma forma de exercício da soberania da comunidade e da autonomia do corpo negro e quilombola.

O modo como ela articula sua prática de cura com as dimensões espirituais e simbólicas da sua cultura reflete uma concepção de saúde integral, que desafia a medicina tradicional ocidental, ainda muito presente em discursos acadêmicos e nas políticas públicas de saúde. Mãe Tiquinha, ao dialogar com as forças da natureza e as energias espirituais, reafirma a importância de uma visão holística e plural do cuidado com o corpo humano, onde o físico, o mental e o espiritual estão intimamente conectados.

As descobertas feitas durante essa pesquisa sugerem que, para além do simples resgate histórico, as práticas de parteira e rezadeira de Mãe Tiquinha são um ato de resistência política e cultural, que se opõe à marginalização e ao apagamento das culturas negras e quilombolas.

A própria prática de partejar, quando realizada por mulheres negras, assume uma dimensão de empoderamento, visto que o parto em comunidades quilombolas é uma das poucas experiências de autonomia de mulheres negras em relação aos seus corpos, especialmente em um contexto onde a medicalização do parto se intensifica e os hospitais se tornam o principal espaço de "controle" da gestação e do nascimento.

Outro ponto relevante que emerge dessa experiência é a educação popular e a transmissão oral de saberes. Como educadora popular, Mãe Tiquinha não apenas transmite seus saberes técnicos sobre a parteira e as rezas, mas também educa sua comunidade sobre a importância de se manter fiel às tradições, de valorizar as sabedorias dos mais velhos e de respeitar os ciclos naturais da vida. A oralidade, nesse contexto, não é apenas uma forma de comunicação, mas uma poderosa ferramenta de resistência cultural, que garante que as práticas não se percam ao longo do tempo, sendo transmitidas para as futuras gerações. A oralidade de Mãe Tiquinha é um arquivo vivo, que carrega as memórias de uma história que se constrói de forma não escrita, mas profundamente enraizada nas relações cotidianas da comunidade quilombola.

A reflexão final sobre o trabalho realizado também revela um forte apelo para a valorização da medicina tradicional e dos saberes ancestrais, que precisam ser reconhecidos de forma mais equitativa no campo das políticas públicas. As práticas de Mãe Tiquinha demonstram a eficácia de métodos de cura que, longe de serem considerados antiquados ou ultrapassados, constituem uma parte essencial do patrimônio cultural imaterial do Brasil. Reconhecer e integrar essas práticas ao sistema de saúde pública é uma questão de justiça social e de reparação histórica para com as comunidades quilombolas, que, por séculos, foram marginalizadas e invisibilizadas.

Além disso, ao abordar a experiência de Mãe Tiquinha e de outros sujeitos que atuam em comunidades quilombolas, a pesquisa resgata e reafirma a importância do reconhecimento da ancestralidade e do empoderamento feminino. Mulheres como Mãe Tiquinha desempenham um papel central na manutenção da vida nas comunidades, sendo figuras de liderança e de transmissão de

conhecimentos fundamentais para a sobrevivência cultural, espiritual e física de seus povos. Ao longo dessa pesquisa, ficou claro que o empoderamento dessas mulheres se dá, em grande parte, pela prática da cura comunitária, pela confiança nas suas habilidades e pelo respeito da comunidade em relação aos seus saberes.

Por fim, a experiência com Mãe Tiquinha se configura não apenas como uma vivência de aprendizado, mas também como um convite à reflexão sobre as formas de conhecimento e cuidado que temos como sociedade. Ao final deste trabalho, fica a certeza de que a valorização dos saberes populares, especialmente aqueles transmitidos pelas mulheres negras em contextos como o quilombola, é fundamental não apenas para a preservação das culturas e tradições, mas também para a construção de um sistema de saúde mais justo e respeitoso com a diversidade de saberes.

Portanto, este relato de experiência não apenas cumpriu o objetivo de documentar a prática de uma parteira e rezadeira, mas também contribuiu para o fortalecimento do movimento de reconhecimento dos saberes tradicionais como uma forma legítima de conhecimento, capaz de dialogar e complementar os saberes acadêmicos e médicos. Nesse processo, a memória e a história da comunidade quilombola Negros do Osso foram resgatadas e, acima de tudo, celebradas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Quilombos e as novas etnias*. Manaus: UEA Edições, 2011.

ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. *Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola*. Bauru: Edusc, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tatuapé: Brasiliense, 2012.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 04 set. 2025.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. São Paulo: Global

Editora, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997 [1ª ed. 1979].

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. *Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *O que é lugar de fala?*. São Paulo: Editora Luta Feminina, 1988.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Org. Flávia Rios; Márcia Lima. São Paulo: Zahar, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *Educação das relações étnico-raciais e a história da África: ensaios sobre ensino e aprendizagem*. São Paulo: Editora Plátano, 2017.

LIMA, Eliane da Silva. *Saberes e fazeres das parteiras tradicionais no Brasil: ancestralidade e cuidado*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2021.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

NASCIMENTO, Maria Aparecida. *Rezadeiras e parteiras: a força ancestral das mulheres negras no cuidado popular*. Salvador: EDUFBA, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A diversidade do saber: a integração dos saberes locais e acadêmicos*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

GONÇALVES, Reinaldo. *Saberes tradicionais e educação: interações e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2017.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: bombando com a teoria feminista*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Campinas: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Petronilha B. G. *Saberes das comunidades tradicionais e a educação*. In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Diversidade e educação: reflexões e*

práticas. Brasília: MEC/CNE, 2016. p. 73–90.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

VASCONCELOS, Cláudia. *Saberes populares e saúde: a medicina tradicional como alternativa ao SUS*. São Paulo: Editora de Ciências da Saúde, 2019.